

A posição dominante do porto do Funchal, desde o início da ocupação da ilha, nas rotas de navegação atlântica, contribuiu para a expansão do comércio do vinho madeirense; a rota do vinho da ilha imbrica-se nas do comércio de escravos, das especiarias, ouro e prata. A par disso a necessidade de debelar o escorbuto, o principal perigo da vida a bordo, com o recurso a diversos antídotos, de que o vinho era um dos principais componentes, conduziu à necessária valorização do vinho da ilha na vivência colonial e europeia. Ambos os factores contribuíram para a definição do mercado consumidor e afirmação deste produto no âmbito da economia colonial entre os séculos XVII e XIX.

A quebra desse movimento, só será possível em face da conjuntura conturbada do espaço atlântico, mercê das guerras europeias (1740-1748, 1806-1809) e americanas (1776-1790), que se estendem ao oceano com a guerra de represália ou corso. Assim, seremos confrontados, a partir de princípios do século XIX, com uma quebra acentuada do consumo e comércio com os principais mercados, nomeadamente o americano.

Tal situação foi muito prejudicial à economia da ilha, uma vez que todos os seus interesses económicos incidiam sobre este produto. A documentação do período de 1779 a 1821 retrata essa tendência exclusivista e os malefícios que daí advinham para a débil economia madeirense; assim o enunciava um documento de 1819²⁴: «A agricultura consiste em vinhos, mas a ilha que só tem este género de exportação, a que seus habitantes se entregam todos pela certeza do lucro, abandonam o essencial, importam todos os outros géneros. Embora a ilha se fortifique e se defenda de qualquer ataque, à viva força, porque não pode resistir a um cabouqueiro, visto que de tudo carece».

O comércio do vinho da Madeira está documentado desde o século XV, bastando para tal a referência ao testemunho de Cadamosto e Shakespeare. Todavia, só em finais do século XVI este adquire uma posição dominante nas exportações da ilha; posição que saiu reforçada na primeira metade do século seguinte. Para isso em muito contribui a

²⁴ AHU, *Madeira e Porto Santo*, n.º 518.